



MARACATU BAQUE MULHER, RESISTÊNCIA E FEMINISMO NEGRO

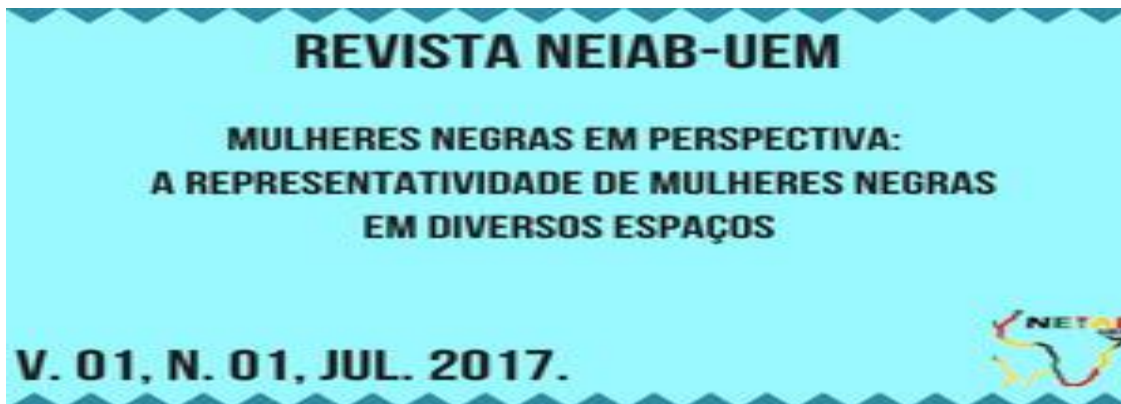
Vanessa Soares dos Santos, (CAPES, UFSCar *campus* Sorocaba, Sorocaba/SP, Brasil).

Contato: van.soares@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo trata da atuação da Mestre Joana Cavalcante no Grupo de maracatu de baque virado Baque Mulher na comunidade do Bode, no bairro do Pina em Recife-PE só com mulheres, e de como este movimento tem se espalhado pelo Brasil inteiro, como uma rede de fortalecimento entre mulheres de todo o país. Pretende relatar brevemente a experiência do I Encontro Nacional Baque Mulher realizado em Sorocaba/SP em 2016 e refletir de como ações como esta corroboram para a manutenção e permanência das reminiscências culturais afro-brasileiras na modernidade, envoltas por uma discussão atual e legítima sobre direitos humanos, de classe, raça e gênero. Esta reflexão é feita pela autora dentro do seu processo de mestrado e é desenvolvida através da vivência junto ao movimento pesquisado, utiliza-se de referenciais teóricos como Bell Hooks, que aponta caminhos de esclarecimentos sobre o tema, com a finalidade de colocar em questão os desdobramentos e a importância da atuação da Mestre Joana na sua comunidade tradicional, bem como nos lugares para além da mesma. A perspectiva é construir um fazer fundamentado, cuja estrutura baseia-se na compreensão da memória ancestral e suas correlações, com o religioso e o sagrado, mas confluentes com a educação e a política. Conclui-se que é importante para a mulher negra fazer vibrar o potencial da participação e pertencimento que as culturas de matriz africana possibilitam, engendrando novas perspectivas de ser e estar no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Maracatu. Mulher negra. Feminismo negro.



INTRODUÇÃO

“Sou mulher, negra empoderada, trago o axé da Nação Nagô, Feministas do Baque Virado, mulheres guerreiras tocando tambor.

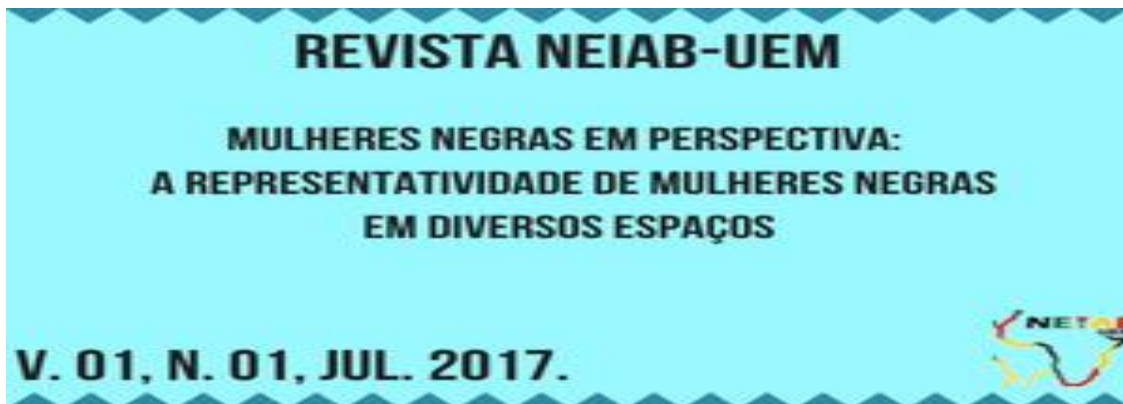
Não há violência ou machismo qualquer que cale meu tambor, eu sou Baque Mulher”.

(Mestra Joana Cavalcante)

Essa pesquisa está em andamento, e é o primeiro passo no meu processo de Mestrado, aqui trato de uma reflexão a partir de uma vivência específica, o I Encontro Nacional Baque Mulher 2016 coordenado pela Mestra Joana. Tendo como sustentação teórica a autora Bell Hooks, que fornece pistas para compreensão geral sobre essas reflexões e dos dados empíricos coletados nessa experiência. Bell Hooks no texto *Mulheres Negras: moldando a teoria feminista (2000)*, é a autora que me deu suporte para a elaboração deste artigo. A tessitura metodológica dessa pesquisa envereda pela cartografia. Habitar um território existencial, onde os fluxos se dão no pensar a Cultura Brasileira e os processos de subjetivação da mulher negra.

Caminho proposto para uma contextura construída de vivência, diálogos e reflexões, numa tentativa plausível de olhar para a potência da mulher negra, e toda sua feitura no contexto da manifestação popular Maracatu de Baque Virado, e assim, ocupar o lugar do protagonismo legítimo que essas mulheres – muitas das vezes – são privadas de exercer.

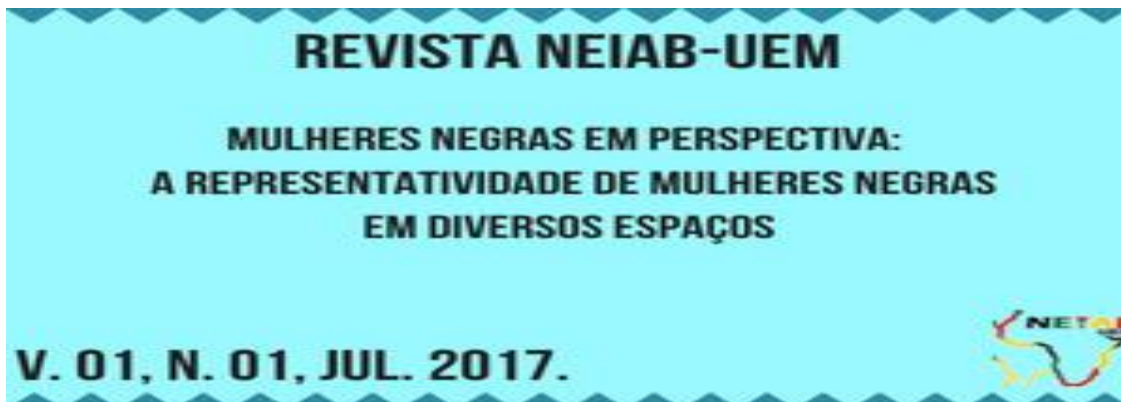
Esse trabalho trata da atuação da Mestra Joana no Grupo de maracatu de baque virado Baque Mulher na comunidade do Bode, no bairro do Pina em Recife/PE só com mulheres, e de como este movimento tem se espalhado pelo Brasil inteiro, como uma rede de fortalecimento entre mulheres de todo o país, resultando na realização do I Encontro Nacional Baque Mulher realizado em agosto de 2016 na cidade de Sorocaba/SP. Falar do Baque Mulher, liderado e realizado por mulheres negras da periferia na sua raiz, é olhar para a sua importância no potencial de participação e pertencimento da mulher negra, no protagonismo do seu fazer, na construção da sua identidade étnico-cultural brasileira e no trabalho de resistência desse grupo e comunidade ligados às práticas tradicionais desses movimentos.



Mestra Joana, primeira e única mulher negra a reger uma nação de maracatu no país, promove em sua comunidade, através deste trabalho, mecanismos para a emancipação do sujeito - neste caso, da mulher - por uma educação de afeto, no encontro do saber ancestral e na resistência política através da cultura. Este espaço foi criado na urgência de que mulheres negras e pobres pudessem falar de suas dores e lutas diárias e cotidianas, pudessem ter voz ouvida para denunciar e protestar as violências vividas nos diversos (para não dizer todos) espaços sociais, na intenção de construir uma rede de fortalecimento entre elas, onde o tambor é a extensão dessas vozes, e o lema é não deixar que eles se calem. Através de intercâmbios culturais, essas mulheres têm a oportunidade de conhecer cantos do Brasil não imaginados. Para além de suas realidades, levando sua história, sua cultura, seus sonhos e suas superações em compartilhamento com outras mulheres de realidade e condições sociais e relações étnico- raciais diferentes, mas que dialogam, mesmo que em perspectivas diferentes, na resistência do existir mulher.

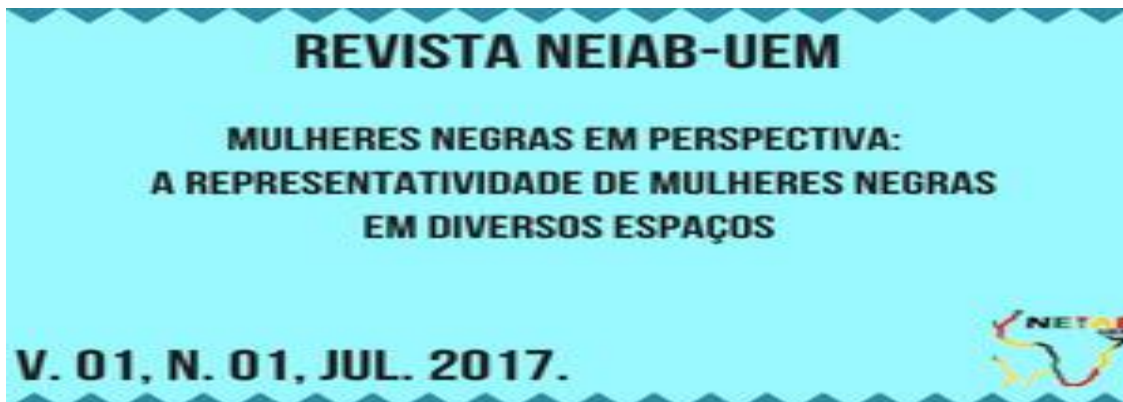
ANTECEDENTES E CONTEXTO – MARACATU NAÇÃO NO PINA

O maracatu nação, também conhecido como maracatu de baque virado é uma manifestação brasileira de matriz africana, é manifestação artística da cultura popular e carnavalesca do Recife. Composto majoritariamente por negros e negras conta a história das antigas coroações de reis e rainhas do congo do Brasil escravocrata, manifestação advém das camadas populares. E através de um cortejo sai pelas ruas com corpo de dança, um batuque e um mestre, que detém todo o conhecimento e poder sobre o andamento daquela brincadeira, musical e comportamental dos componentes, batuqueiros e batuqueiras que tocam os instrumentos, alfaia (símbolo maior da manifestação), caixa, gonguê, mineiro e/ou agbê e em alguns casos o atabaque. A corte basicamente é composta por porta-estandarte, rei e rainha, dama do paço (que carrega consigo a Calunga, símbolo sagrado para uma nação), baianas, princesas, príncipes, vassalos, escravos e catirinas. Todas as personagens, da ala nobre ou serviçal, cada uma com suas características e simbologia são importantes na composição do cortejo, sendo as damas do paço e



a rainha as mais relevantes, porque ambas carregam a responsabilidade de ordem religiosa para a proteção do baque e do grupo. As lideranças dos maracatus geralmente são do mestre do batuque ou da rainha, que é uma figura mais velha experiente, portanto de mais sabença e respeito. As formações do maracatu, normalmente tem cunho misto, composto por homens e mulheres, mas a corte é simbolizada como feminino, mesmo com personagens de gêneros diferentes, existe uma predominância de participação e indicação feminina, perceptível nas denominações das personagens, principalmente pelo fato do cortejo ser o corpo da dança do maracatu.

Já a bateria, o batuque ou baque, o tocar é simbolizado como masculino, que até os anos 1990 era composto somente por homens, como diz Mestre Joana, “para sair no baque a mulher tinha que se disfarçar de homem, vestir calça, prender o cabelo no chapéu, esconder o peito, a gente não podia ser mulher” (informação verbal). Na literatura da época não há menção de participação de mulheres no batuque, e é na comunidade do Bode que esta cena muda consideravelmente em 2008. A comunidade do Bode no bairro do Pina é uma região importante para a história do maracatu, pois ela sedia duas grandes e significativas nações, o Porto Rico e o Encanto do Pina, desde os anos 80. Existe uma complexidade arraigada de fundamento e simbologias muito particulares acerca da feitura do maracatu nação, pois este é tradicionalmente ligado às práticas religiosas de matriz africana, neste caso a Jurema e o Candomblé ou Xangô, como é denominado em Recife, portanto, religiões cujos adeptos ocupam posições sociais semelhantes aos cargos que vivenciam nos maracatus. Esses aspectos por muito tempo colaboraram para que esses grupos fossem alvo de discriminação e desvalorização por parte da sociedade pernambucana, justificando assim, sua perseguição. Essas duas nações se firmam em Casas de Candomblé e, portanto, existe um compromisso pautado de responsabilidade sobre sua prática, manutenção e difusão dos seus saberes. Mestre Chacon, mestre da nação Porto Rico que existe há 100 anos, costuma dizer que o maracatu Porto Rico é o candomblé na rua, tamanha é a ligação da prática do maracatu com os fundamentos que o gerem.



Apesar de na religião, as mulheres negras serem consideradas a base de sustentação, o alicerce da mesma, chamadas de Yabás e estimadas as guardiãs da religiosidade negra brasileira, estes mesmos fundamentos por muito tempo impediram essas mesmas mulheres de terem autonomia e ocupar todas as funções e posições no maracatu, inclusive o tocar e o reger o baque. Mestra Joana diz que nas histórias das nações sempre teve e sempre tem uma mulher na liderança e no sustento daquela organização, as rainhas, geralmente são Yalorixás, lideranças de muito poder, mas que nunca foram reconhecidas, pois o que vai para o mundo é o baque, hegemonicamente masculino. Houve uma resistência muito grande dessas mulheres para que o candomblé permanecesse vivo, para que pudessem cultuar sua fé nos terreiros em épocas em que isso era proibido, são essas histórias de força que são perpetuadas através do ensinamento oral que mantém as relações de tradição dentro das nações. Outra nação importante aqui, é o Encanto do Pina, que existe há 38 anos e é o marco da transformação nas relações de gênero dentro das práticas do maracatu, fundado por uma mulher, a Yalorixá Maria de Sônia, e desde 2008 tem a Mestra Joana Cavalcante como regente do baque, sendo a primeira e única mestra a reger uma nação de maracatu no Brasil. Mestra Joana vive o maracatu e o candomblé desde que nasceu e é herdeira direta tanto do baque, como do Ylê Axé Oxum Deym, casa religiosa a que sua nação pertence. Mestra Joana, ao assumir essa posição, ocasionou uma polêmica dentro do universo do maracatu nação em Recife, pois esse lugar ainda é em sua maioria, ocupado por homens. Nessa posição, Mestra Joana caminha em uma linha entre o êxito e a tensão, pois desafiou hierarquias de poder, promovendo uma ruptura nos valores de gênero. No entanto, há opiniões que se opõem à sua regência, pois este ainda não é um espaço reconhecido para as mulheres, alegando tais opiniões que aquele maracatu não tem fundamento por ser regido por uma mulher, isso aponta que ao ocupar esta função, Mestra Joana não só lida com as demandas de manutenção de uma tradição, continuando a lutar das grandes matriarcas daquela comunidade, mas um desafio para a mulher.



Existe uma reprodução de estruturas machistas dentro das organizações do maracatu, de que a condução dos instrumentos deve ser comandada por homens, uma vez que eles são os mediadores apropriados para o sagrado, como ocorre no terreiro, portanto, não cabe a mulher a regência, tendo em vista o fato de ela não tocar os atabaques no terreiro. O que já contrapõe a situação da Mestra Joana, uma vez que sua posição de mestra foi determinada pelos orixás da casa de candomblé que sua nação pertence, logo dentro da tradição é legítima e sagrada. O Porto Rico e o Encanto do Pina têm uma relação familiar perante sua comunidade muito mais profunda do que se localizarem no mesmo bairro, pois seus mestres são casados entre si, unindo assim a feitura do maracatu nessa comunidade, criando uma relação de irmandade entre os batuqueiros e batuqueiras, apesar de cada nação ter a sua sede e a sua dinâmica independente da outra.

FEMINISMO NEGRO - MULHERES GUERREIRAS DE FÉ

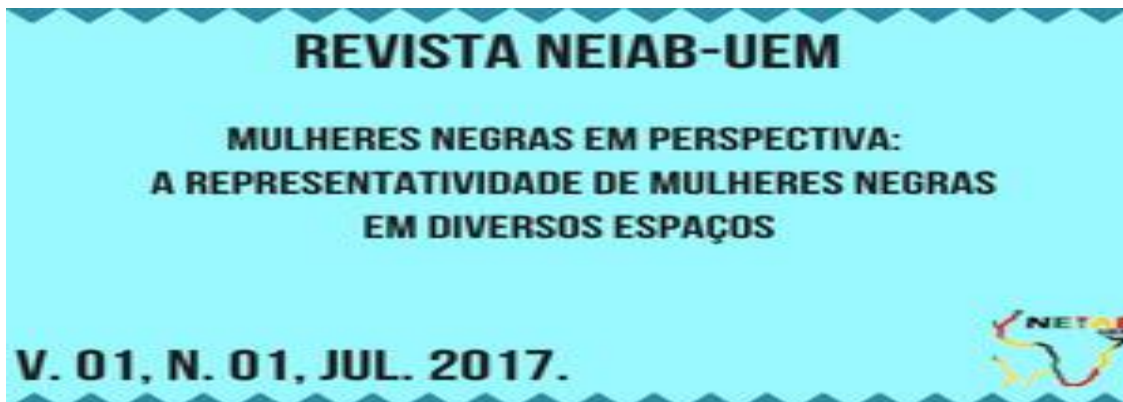
Em 2000 Mestre Chacon foi o primeiro a introduzir no baque o instrumento agbê5, tocado apenas por mulheres, a cabaça é elemento sagrado dentro da religião, pertencente à mitologia da Nanã, orixá mais velha do panteão e representa a personificação do útero feminino, levando esse aspecto mitológico em consideração, o Mestre alega que faz muito sentido o instrumento ser tocado pelas mulheres, além de se tornar esteticamente mais harmonioso e atrativo para o baque. Mestra Joana quando assume a coordenação dos agbês do Porto Rico, revoluciona o baque com a ala formada só por mulheres que tocam ao mesmo tempo que executam coreografias sintonizadas. Sempre com referência aos saberes religiosos, os passos das danças dos orixás são unidos ao toque do agbê no baque do maracatu. Assim, Mestra Joana criou uma metodologia de ensino e criação para as loas e fez com que a ala de agbê do Porto Rico fosse referência em Recife e no Brasil inteiro. O agbê é instrumento muito significativo, representou uma porta de entrada simbólica e concreta para que as mulheres chegassem ao batuque no maracatu, espaço anteriormente hegemonicamente masculino.



Houve uma transformação na cena do maracatu nas últimas duas décadas, decorrentes do movimento Mangubeat¹, o maracatu se popularizou não só em Pernambuco, mas para além dele, se espalhando pelo país e fora dele, fazendo com que muitas pessoas, homens e mulheres de várias camadas sociais tomassem propriedade na participação de grupos e movimentos ligados a essa manifestação. E isso é reforçado pelo surgimento de vários grupos percussivos de maracatu pelos cantos variados do país, construindo uma relação de intercâmbio cultural. Os mestres e brincantes tradicionais saem de Recife e constroem uma caminhada de ensinamentos do fundamento por estes grupos, ao mesmo tempo em que estas pessoas vão até as nações aprenderem e vivenciarem na fonte os saberes tradicionais, afim de aprimoramento técnico da linguagem, trocas com os batuqueiros e batuqueiras da nação, bem como estender laços afetivos com os mestres e mestra, construindo uma relação de apadrinhamento entre as nações e seus respectivos mestres e seus aprendizes.

Essa popularização do maracatu fora do seu espaço de origem, portanto não tão arraigado nos fundamentos religiosos tradicionais, possibilita que mulheres participem com maior autonomia e apropriação deste lugar. Ainda assim, não resolve os problemas, pois há reprodução do machismo dentro destes espaços através de relações abusivas e de competição, já que o batuque ainda é visto, considerado e multiplicado masculino, através de relações de abuso de poder e autoritarismo, já que o maior número de regência é de homens. No bairro do Pina, as mulheres além de nascerem e crescerem na comunidade, transitam pelas duas nações e as duas casas religiosas, o que as aproximam muito umas das outras. Foi nesse fluxo de convivência que a mestra sentiu a necessidade de ter um espaço só delas, onde pudessem ter a liberdade de tocar todo e qualquer instrumento, bem como fortalecer os laços de irmandade, um espaço para que elas pudessem compartilhar suas histórias, pudessem falar, sem censura sobre o que quisessem. E

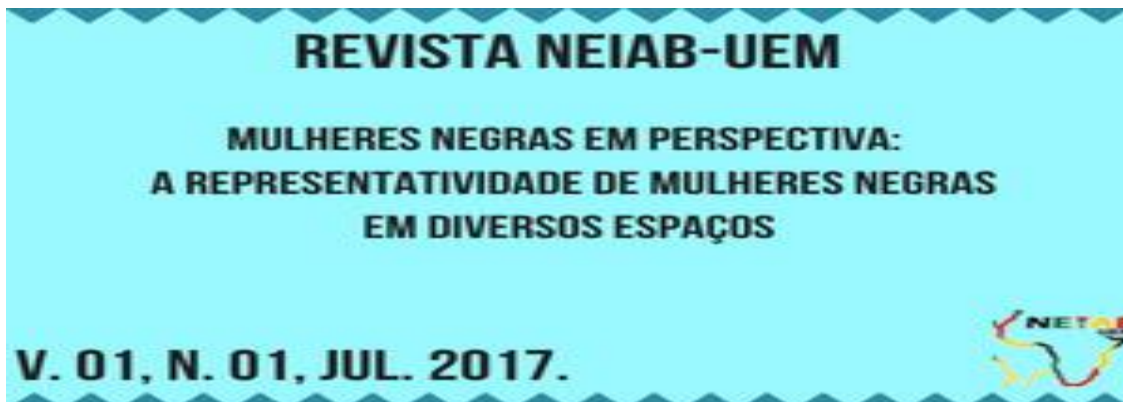
¹ "Mangue Beat, movimento musical surgido no Recife na década de 1990 que mistura ao hip hop, rock e outros ritmos os movimentos regionais como maracatu e coco. A maior expressão do movimento foi Chico Science e Nação Zumbi. O Mangue Beat contribuiu sobremaneira para a difusão da música dos maracatus nação por todo o mundo." (DOSSIÊ MARACATU NAÇÃO, 2015 p. 11)



assim, em 2008 nasce o grupo de maracatu Baque Mulher² na comunidade, um espaço real de assistência às meninas e mulheres daquela região. E como todas as nações, fazem parte da tradição do carnaval recifense, saindo em cortejo no Bloco Nem Com uma Flor³. Mestra Joana ocupa o lugar de liderança em todas as instâncias na comunidade, ela é a Mestra dos maracatus Encanto do Pina e Baque Mulher, coordenadora dos agbês do maracatu Porto Rico, a Yakekerê, segunda mãe e herdeira direta do Ylê Axé Oxum Deym, movimentos culturais e religiosos que mobilizam a comunidade. Com tantas funções acumuladas, a mestra acaba exercendo a função de assistente social, de mãe, de educadora, de anciã, de cuidadora e gestora daquela comunidade. Essas funções caminham junto com o maracatu, e os problemas da vida surgem no fazer, no cotidiano. A questão de classe, no bairro do Pina com alto índice de pobreza acentua problemas como, a fome, o abandono social, a gravidez precoce, a violência, o tráfico, os problemas de baixo-auto-estima, a intolerância religiosa, o racismo, o machismo, a falta de recursos, o desemprego. Maracatu vem antes da fome, mas como alimentar uma comunidade inteira? Se mestra Joana não auxilia nestes aspectos a comunidade corre o risco de colapsar, aumentando, por exemplo, os casos de tráfico e prostituição. Ela se torna uma grande mãe, se não a maior referência e espelho para os seus filhos e aprendizes, e para aquelas mulheres. Entendemos e reconhecemos na militância dessa mulher negra uma postura revolucionária. Ter uma mulher jovem, negra e pobre a frente de movimentos tão importantes, fortalecendo a identidade delas, resolvendo problemas e levando aquela comunidade mundo afora é a possibilidade de um novo existir.

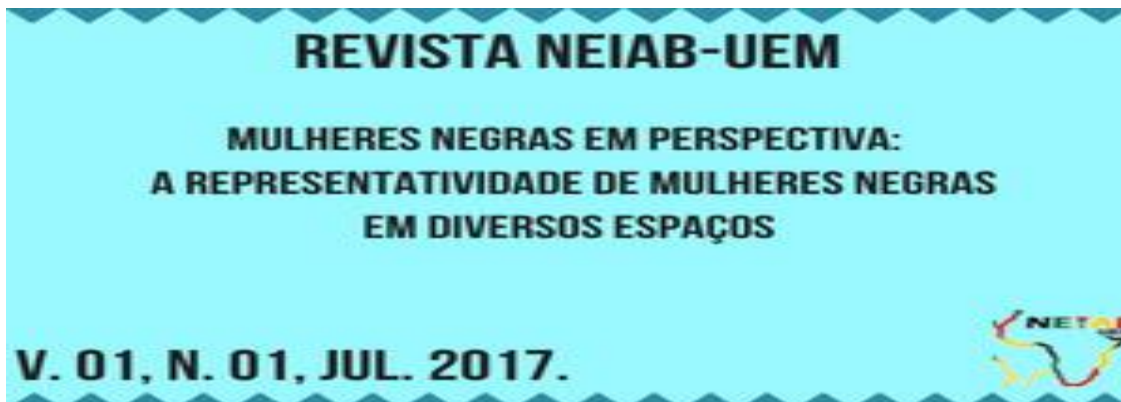
² O Baque Mulher é um grupo criado, apesar de ser regido por uma mestra tradicional, ele não é Nação, pois não tem as obrigações religiosas que esses maracatus são submetidos tradicionalmente. Portanto sua linguagem segue às nações, porém ele é um grupo.

³ O nome do bloco faz referência a uma loa do Baque Mulher de autoria da Mestra Joana: “Ê ê ô, baque rosa está na rua pedindo a paz e muito amor. E em mulher não se bate nem com uma flor, já dizia o Capiba não importa a sua cor. Baque Mulher na levada do tambor, luta contra a violência, o preconceito e o opressor”.



Tratamos aqui de uma comunidade negra remanescente da época escravocrata brasileira, negros escravizados líderes de quilombos e resistentes à escravidão que foi tão assombrosa e cruel em solo brasileiro. Mestra Joana como herdeira direta da tradição faz jus ao legado das matriarcas que vieram antes dela e tiveram anos (lê-se aqui séculos) de resistência, lutas, manutenção e permanência para que aquela comunidade continuasse a existir com dignidade. É preciso muita resiliência, pois as manifestações afro-brasileiras são continuamente atravessadas pelo jogo de força em curso, relações de poder, histórica, cultural, religiosa e socialmente subjugadas pela lógica hierárquica, racista e machista ocidental, capitalista, cristã, eurocêntrica. Faz-se necessário romper os estigmas da suposta inferioridade negra e a supremacia branca que foi propagada, contados e difundidos como forma de justificar a escravidão do negro. Tal estratégia resultou na construção de uma imagem condenada e desumanizada do negro, o negro como objeto *coisificado*, não como sujeito de si, de sua história e de seus caminhos. Essa situação se agrava profundamente nas relações de gênero, a mulher negra está condicionada a um objeto em si, desigual e inferior. A sensação de não pertencimento à categoria humana traz efeitos nefastos para a construção de sua autoimagem, reforça densamente o sistema de opressão existente, e como afirma Hooks (2000, p. 197 – grifo da autora): “ser oprimida significa *ausência de opções*”.

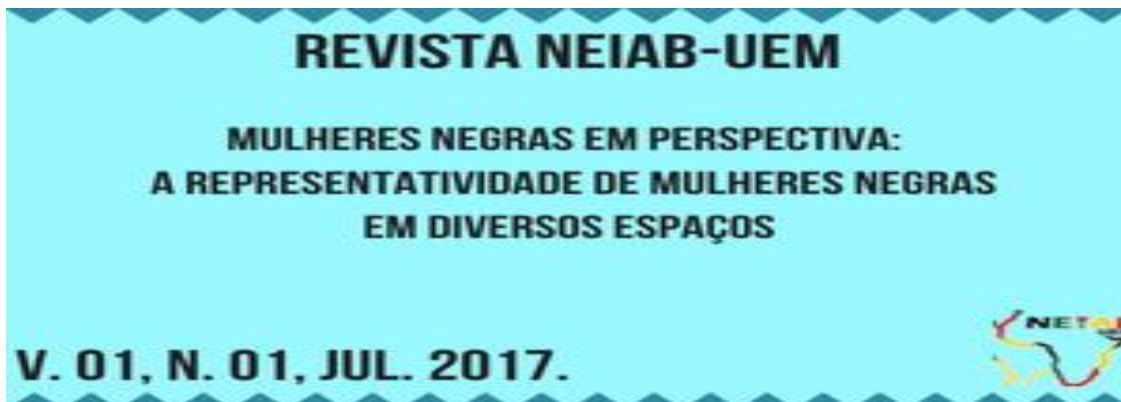
O Baque Mulher se tornou um espaço de resistência contra essa lógica hegemônica da supremacia branca e opressora tão arraigada na sociedade, e que são reproduzidas em larga escala em todos os espaços de convívio social, como demonstra o preconceito e discriminações que o movimento sofreu dentro da própria comunidade. Foi no seu início atacado por falas machistas e racistas inclusive de muitos companheiros das componentes do grupo ou dos componentes das Nações ali do bairro que compartilham das opiniões que o baque do maracatu não é lugar para a mulher. Atitudes como essa causa raiva, incita e fortalece do movimento, pois a raiva nessa circunstância alimenta, “a raiva me fez questionar a política de dominação masculina e me permitiu resistir à socialização sexista” (HOOKS, 2000 p. 203). Situações como essa inspiraram a Mestra a compor a seguinte loa, num recado bem esclarecido sobre os propósitos do grupo, “*Não* Revista NEIAB. Maringá, v. 01, n. 01 – jul. 2017.



há violência ou machismo qualquer que cale meu tambor, sou Baque Mulher”. Constitui-se então, um espaço de sobrevivência para essas mulheres, pois existe ali uma relação intrínseca entre elas, que compartilham de uma realidade precária numa condição de opressão e dominação, o que Hooks (2000, p. 204) relata sobre sua vida e sua relação com as mulheres negras à sua volta cabe muito bem nessa situação, “[...] Eu nem conhecera uma vida em que as mulheres não estivessem juntas, em que as mulheres não tivessem se ajudado, protegido e amado profundamente”, é criado ali um espaço onde discutir sobre si e sua condição no mundo as faz pela primeira vez protagonistas de suas histórias, e é através do maracatu que isso se dá primeiramente, questionar as lacunas nas relações de gênero dentro do território que elas pertencem desencadeia uma série de outros questionamentos mais profundos sobre sua vida. O *boom* das discussões sobre feminismo no mundo, principalmente nos últimos dois anos, possibilitou uma coragem em construção que fez com essas mulheres compreendessem a importância do falar. Foi criada uma frente no Baque Mulher, o Feministas do baque Virado⁴, na intenção de trocar conhecimentos sobre assunto. Segundo Hooks:

Frequentemente, as feministas brancas agem como se as mulheres negras não soubessem que a opressão machista existia até elas expressarem a visão feminista. Elas acreditam estar proporcionando às mulheres negras “a” análise e “o” programa de libertação. Não entende, não conseguem sequer imaginar, que as negras assim como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações de opressão, muitas das vezes adquirem uma consciência sobre a política patriarcal de sua experiência de vida, da mesma forma com que desenvolvem estratégias de resistência (mesmo que não consigam resistir de forma sustentada e organizada). [...] A implicação é que pessoas verdadeiramente oprimidas sabem disso, mesmo se não

⁴ Esta frente é uma iniciativa da Mestra para que outras mulheres, pertencentes a outras nações e grupos pudessem de algum jeito se juntar à luta, sem fazer parte propriamente do grupo Baque Mulher, não se comprometendo. Levando à discussão para um lugar além do tocar. Devido às relações de competição entre os maracatus existente no Recife, uma pessoa normalmente não pode fazer parte de mais de uma nação, já que aquele compromisso é vital. No Pina isso não acontece, já que as nações Porto Rico e Encanto do Pina são irmãs.

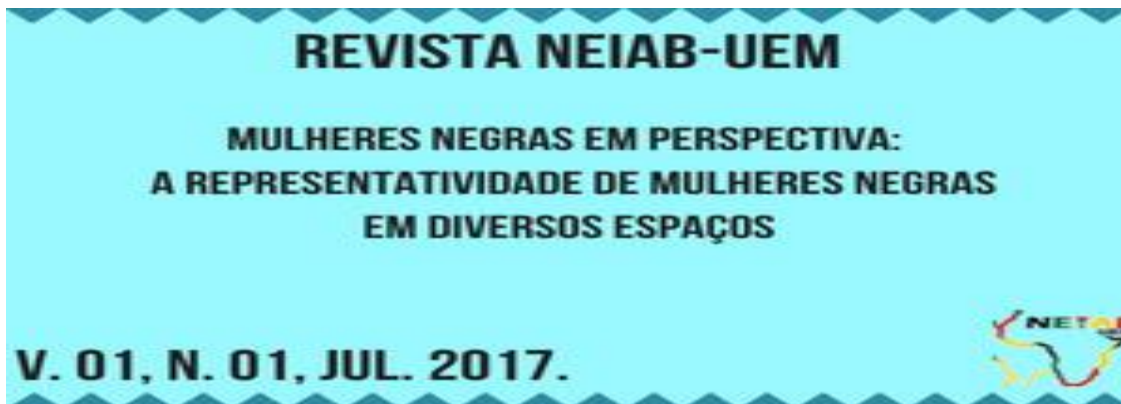


estiverem envolvidas em resistência organizada ou não conseguirem formular por escrito a natureza de sua opressão. (HOOKS, 2000 p. 203).

O que vale ressaltar é que neste caso, essa rede de despertar do movimento, quando tecido com outras mulheres proporciona uma maior segurança em poder olhar para si no mundo. E então iniciar os processos dolorosos e necessários de fala: da violência sofrida no relacionamento abusivo, da falta de amor, que é determinado pela sociedade de que mulheres negras não amam. O estereótipo racista de que são em regra mulheres muito e essencialmente “fortes”, as relações e condições subumanas de trabalho, enfim falar do peso que toda mulher negra carrega nos ombros devido ao histórico racista e hipócrita desse país e o que ele ocasiona em suas vidas, é falar da sensação da invisibilidade social, portanto das tentativas de apagamento de sua identidade, cultura e ancestralidade, da sua existência.

Outro aspecto que Mestra Joana explorou na construção do Baque Mulher e hoje firmou como marca, identidade e estética é a feminilidade expressa na sua forma de se vestir e das batuqueiras do grupo. O uso de saias curtas, numa afronta divertida sobre o fato de mulheres, mesmo podendo em alguns maracatus tocarem tambores, não poderem usar saias, blusas decotadas, bijuterias, maquiagem e adornos para os cabelos, e claro, fidelidade às cores do grupo, que são rosa e laranja. À primeira vista, pessoas pouco esclarecidas sobre as discussões de gênero, olham para o Baque Mulher e se depara com tantas mulheres vestidas de rosa e laranja, pode pensar preconceituosamente, como já foi dito muitas vezes, nos conta Mestra Joana, de que aquele grupo é de “mulherzinha”. No entanto, não tem ideia de que são cores fundamentadas na religiosidade, que não é uma reprodução sexista de comportamento, pois representam duas orixás guerreiras, Iansã o rosa e Obá o laranja e a mestra traz essas duas figuras mitológicas como referencial de arquétipo para o grupo, de que somos todas, Guerreiras! Como a Mestra mostra nessa loa de autoria dela, “*Saia de chita, laço de fita baqueta na trazendo o axé, são as mulheres de fé, Baque Mulher!*”. Num acometimento de que essas mulheres se sintam lindas, valorizadas esteticamente, merecedoras de um figurino espetacular, para um grande momento, um grande

Revista NEIAB. Maringá, v. 01, n. 01 – jul. 2017.



show, um grande ensaio, (vide Figura 1). Sob a perspectiva de gênero, esse cuidado com a aparência expressa os códigos que operam como um elemento importante em contraposição ao masculino, que ocupam as mesmas funções. Ter um maracatu protagonizado por mulheres, mulheres pretas, que através dos tambores podem falar sobre suas lutas, reivindicar seus direitos por igualdade e denunciar as violências vividas por toda a sua vida, é uma revolução para além do tocar. Mestra Joana se preocupa em enaltecer a força Poder Feminino das mulheres e entre as mulheres, princípio que parte da mitologia dos orixás e ela o ressignifica numa perspectiva política, de que a mulher deve e pode ocupar e ser o que e como ela quiser. O movimento é uma rede de fortalecimento entre as mulheres, numa ação de desconstruir e romper o estereótipo racista sobre a mulher negra. Tais como, de que ela não é bonita, a simbologia sexual, de que ela não é capaz de ocupar lugares de poder ou de produzir conhecimento, porquanto diz Hooks:

Como grupo, as mulheres negras estão em oposição incomum nesta sociedade, pois não só estamos na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condução social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportando o fardo da opressão machista, racista e classista. (BOOKS, 2000 p. 207).

E ainda:

O sexismo masculino negro prejudicou a luta para erradicar o racismo, assim como o racismo feminino branco prejudica a luta feminista. Enquanto definirem a libertação como obtenção de igualdade social com os homens brancos da classe dominante, esses dois grupos, ou qualquer outro, terão um grande interesse na exploração e opressão continuada de outros. Nós mulheres negras sem qualquer “outro” institucionalizado que possamos discriminar, explorar ou oprimir, muitas vezes temos uma experiência de vida que desafia diretamente a estrutura social sexista, classista e racista vigente, e a ideologia concomitante a ela. Essa experiência pode moldar nossa consciência de tal maneira que nossa visão de mundo seja diferente da de quem tem um grau de privilégio (mesmo que relativo, dentro do sistema existente). (HOOKS, 2000 p. 208).

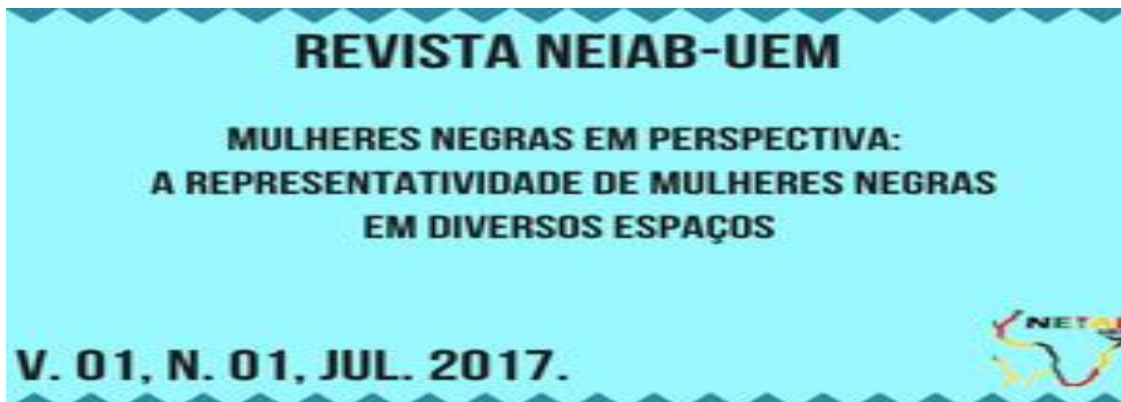


O Baque Mulher, numa reflexão inicial da autora sobre sua potencialidade e numa ótica específica e particular, nasce como um movimento contrário ao que está posto dentro da história do feminismo. É a mulher negra periférica e marginalizada que primeiro se organiza, reflete e questiona sobre sua condição social e trava uma luta contra-hegemônica. É uma proposta educativa através da cultura e da arte para que essas mulheres negras da favela, subjugadas socialmente e que trazem em sua formação marcas profundas de dor causadas por um processo histórico cruel em solo brasileiro possam ser cuidadas, respeitadas e transformadas. Possam se fortalecer enquanto sujeito, reconhecer o caminho da sua história, potencializar a sua consciência política e falar sobre si, sobre as marcas do racismo, sobre as marcas do machismo, suas inquietudes e agir em prol dos seus caminhos, numa luta dura e acirrada com o que está posto socialmente, mas com o foco certo de fortalecer os movimentos em prol dos direitos humanos.

RESISTÊNCIA E CONTINUIDADE – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do histórico de invisibilidade social dessas mulheres, trabalhar sua identidade, dentro de um universo que elas já pertencem dando-lhes o direito de ocupar com propriedade aquele território. Serem protagonistas de suas ações, de suas vozes, de seus cantos, de suas crenças é um mecanismo de transformação social, que Mestra Joana juntamente a este maracatu vem construindo. Principalmente com meninas jovens, numa comunidade que em regra não tem oportunidades de melhorias sociais, em risco de vulnerabilidade social com alto índice de violência, drogas, suicídio, depressão, gravidez precoce e prostituição. Portanto, o trabalho de resistência da Mestra Joana dentro das práticas do maracatu com a pauta no feminismo é sobrevivência, se faz necessário e urgente, na construção de um novo olhar do mundo, como possibilidade de ser e estar, como um devir para estas mulheres e jovens negras.

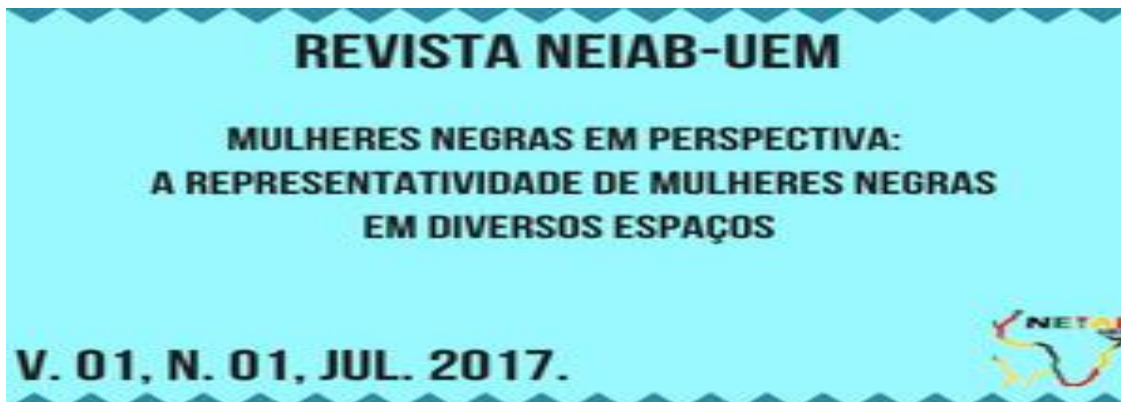
O movimento de expansão que vem acontecendo do Baque Mulher, graças aos grupos que estão se formando pelos vários cantos do país, é muito positivo para a comunidade de mulheres do Bode. Não só porque contribuem com a manutenção do grupo em Recife, mas porque



possibilita o intercâmbio direto com essas mulheres. Por exemplo, a oportunidade que elas têm de sair de suas realidades e falar sobre ela, não na perspectiva de uma realidade conformada, mas com o olhar de quem está lutando contra as adversidades. Olhar de quem não tem vergonha das origens, mas que já enxerga as fronteiras que o conhecimento, que o empoderamento e o despertar da consciência possibilitam. E compartilhar com as mais variadas mulheres, das mais variadas condições e camadas sociais, através de suas histórias, superações, ensinamentos sobre o maracatu, apresentações, e o simples estar, numa função de destaque, importância e protagonismo de sua história.

O I Encontro Nacional Baque Mulher realizado em agosto de 2016 na cidade de Sorocaba em pleno curso do golpe político que sofremos foi um marco para a história do Baque Mulher, pois ali era a prova real de que a luta da Mestre Joana estava ganhando o mundo. O encontro reuniu cerca de 130 mulheres que fizeram este encontro acontecer, de vários lugares do país, camadas sociais, e trouxe 5 mulheres de Recife para troca e compartilhamento, três delas eram adolescentes e nunca haviam saído de lá. O evento contou com atividades variadas: oficinas de toque, rodas de conversa, palestra, ensaios e apresentações entre atividades pagas e gratuitas abertas ao público em geral. Para as mulheres que seguem o movimento do Baque Mulher, é demasiado importante este contato com a raiz do maracatu, pois propicia aprendizado em várias instâncias da manifestação – o contexto histórico, social e religioso, passos da dança, cantos e toques, personagens, manuseio e manutenção do instrumento e a simbologia do figurino, que no caso do Baque Mulher é obrigatório que mulheres vistam saias decorrente do histórico da mulher no maracatu e sejam fieis as cores do grupo. Como seguidoras e aprendizes várias mulheres criam seus próprios grupos de maracatu, com a aprovação da mestra, que depois vai fazer o movimento de alimentá-los com seus ensinamentos. Cria-se então uma espécie de filiais do Baque Mulher em diferentes lugares do país, com lideranças femininas, mas todos regidos e em contato com a potência criadora e afetiva da mestra. E é claro, para que não esqueçamos a origem do movimento, de que ele parte principalmente das necessidades de questionamentos e

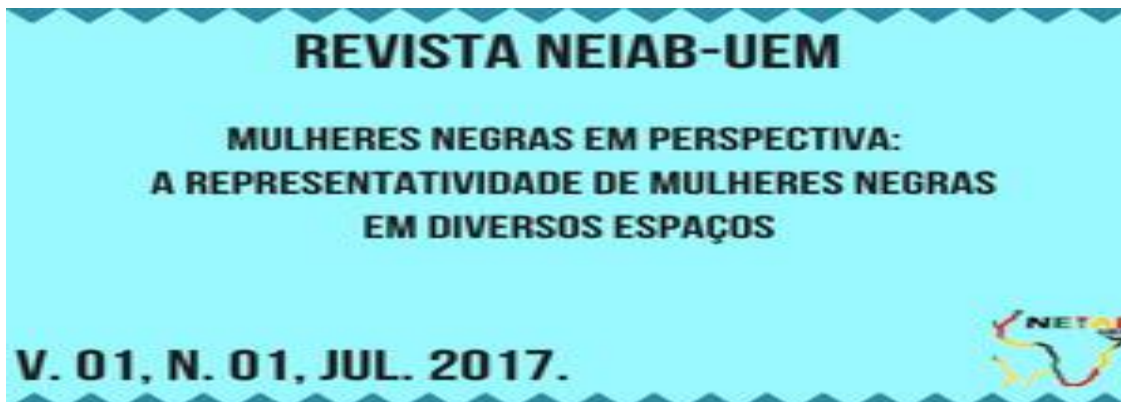
Revista NEIAB. Maringá, v. 01, n. 01 – jul. 2017.



transformação da realidade da condição da mulher negra e pobre, que logo ocupa seu protagonismo em meio a sua afirmação enquanto sujeito. Para estas dezenas de grupos e lideranças que vão surgindo nesse processo, faz parte da responsabilidade não desvirtuar os propósitos do movimento, que hoje tem dimensões bem maiores de quando começou, que segundo Mestra Joana, abrange as necessidades da mulher, negras e brancas, a luta é por todas as mulheres. Mas afirmo aqui que não se pode nunca deixar de dizer que a calçada dele tem cor, raça e classe. Ao contrário da matriz no Recife, as mulheres negras que integram esses grupos criados fora do espaço de origem, normalmente são minorias. Devido aos processos de apropriação da cultura, a predominância de pessoas brancas nestes espaços de produção e reprodução cultural de matriz africana é considerável. Portanto, a força da representatividade que a Mestra Joana traz para esta discussão, possibilita que elas se fortaleçam dentro do movimento, e ocupem também seu lugar de protagonismo dentro destes espaços. Ocupação necessária, pois dialoga diretamente com o histórico da cor da pele e da condição social dessas mulheres também, tão negras quanto as companheiras do Pina, portanto, legítima e justa. Essas ações do maracatu fora do seu espaço de origem proporcionam diálogo num trabalho de escuta, intercâmbio de saberes, registro e difusão da cultura através do maracatu, viabilizando aprendizado e fortalecimento entre as mulheres de um modo geral, e construindo um novo território de pertencimento ao maracatu, já que esses grupos seguidores são liderados por mulheres, numa continuidade do trabalho da Mestra Joana.

Cada comunidade que resiste ao tempo, ao sistema hegemônico que querem aniquilá-las, é um ato político e transgressor. Podemos dizer um ato de rebeldia de não se permitir e não se deixar persuadir pelo discurso invasor e opressor, não permitir a pasteurização de sua vida, o apagamento de sua existência. E é por isso que se faz necessário conhecê-las intimamente tanto quanto possível, para aprender e multiplicar, as ciências e saberes ancestrais, fundamentais para a sobrevivência de modos singulares de existir, viver e conviver em sociedade. Mestra Joana e as mulheres da comunidade do Bode iniciaram um movimento de contribuição à luta pelos direitos humanos, principalmente antirracista, de classe e de gênero. Faz-se necessário conhecer e

Revista NEIAB. Maringá, v. 01, n. 01 – jul. 2017.



contribuir de modo que possa cada vez mais alcançar mais mulheres, outras comunidades. Que seja um disparador para o despertar da consciência e que continue a corroborar nos processos de subjetivação do sujeito, a fim de que mais mulheres saibam do seu direito de ir e vir, de existir e do poder que elas podem alcançar quando partes da mesma rede de ações políticas, pois como afirma Hooks:

É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra-hegemonia. (HOOKS, 2000 p. 208)

Tendo em vista o início do meu processo acerca do feminismo negro, esse artigo como meus primeiros passos na pesquisa de mestrado e como integrante deste movimento, exponho aqui meu desejo de que o Baque Mulher tenha infinitos encontros como este. A fim de juntar mulheres de todo o país para compartilhar lutas e glórias, produzir conhecimento e que mais meninas negras possam sair de suas comunidades e se encontrar, mais meninas e mulheres se sintam representadas e ocupem seus lugares de direito, sendo porta vozes de si mesmas. Entoando um único canto em prol de políticas públicas, em lutas por direitos igualitários. Que mais mulheres negras acreditem que elas podem ser rainhas, tocar tambor, cantar denúncias e reivindicações. Que a comunidade do Bode possa ganhar o mundo, através de meninas negras como Elba Mariana, levando suas histórias, honrando suas origens ancestrais e transformando sua realidade, que ao ser perguntada em uma das Rodas de Conversa no I Encontro Nacional BM, sobre o que o maracatu e o Baque Mulher trouxe à sua vida, emocionou a todas e todos presentes naquele teatro, “[...] **eu sou** uma percussionista. Eu andei de bote a minha vida inteira, hoje eu ando de avião” (informação verbal).⁵

10 Elba Mariana é caixeira do Baque Mulher, faz parte da comunidade do Bode e mora numa área de mangue e palafitas no Pina, foi a primeira vez que saiu de Recife, e o maracatu Baque Mulher que possibilitou isso. Revista NEIAB. Maringá, v. 01, n. 01 – jul. 2017.

IMAGENS



Figura 1: Mestra Joana em apresentação do Baque Mulher no I Encontro Nacional BM 2016 – Foto de Ismaela Correa



Figura 2: I Encontro Nacional Baque Mulher 2016 em Sorocaba/SP – Despedida. Foto de Ismaela Correa

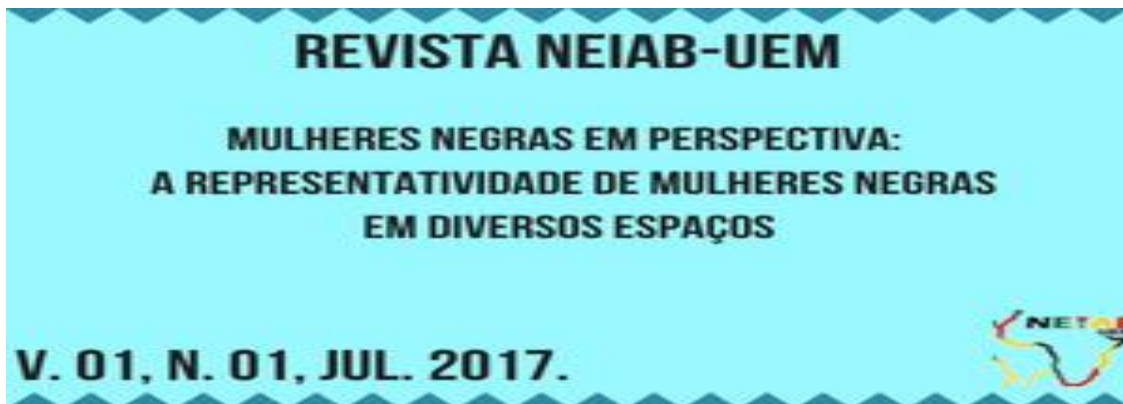


Figura 3: I Encontro Nacional BM – Da esquerda para direita, Denise Alves, Duda da Silva, Mestra Joana e Elba Mariana, todas da comunidade do Bode – Foto de Ismaela Correa

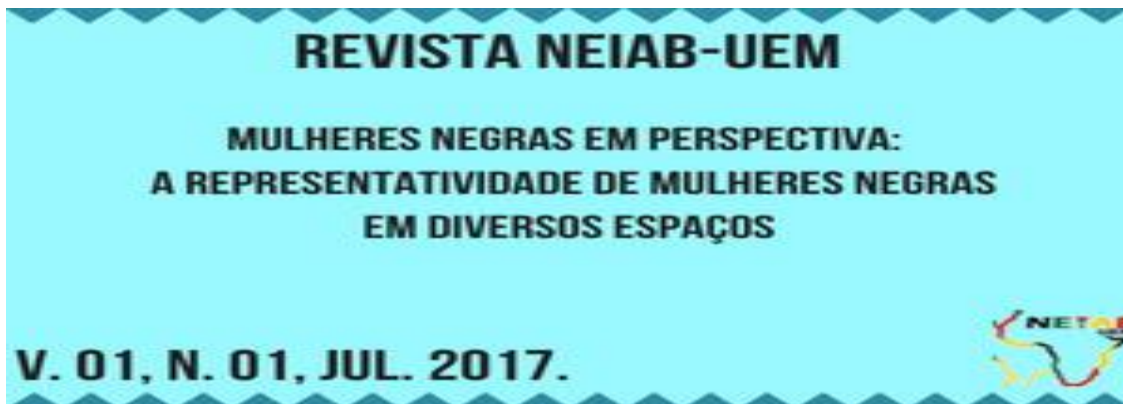


Figura 4: Grupo Baque Mulher de Recife – Cortejo de carnaval 2017 com o Bloco Nem com uma Flor



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016

HOOKS, Bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Brasil, 2000.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf>. > Acesso: 02 de julho de 2017.

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS: **Dossiê do Maracatu Nação**.

Iphan: Recife, 2015. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%20.pdf> Acesso: Outubro de 2016.

ROLNIK, Sueli. **Pensamento, corpo e devir**. Caderno de Subjetividade, v.1 n 2:241-25. Núcleo de Estudos da Subjetividade, Programa de Pós-Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.